

Março de 2009

A CARACTERIZAÇÃO DA FUNÇÃO ENUNCIATIVA NO ESPAÇO DISCURSIVO TRABALHISTA-SINDICAL

Fabiana Fernanda Steigenberger¹

“...toda língua está necessariamente em relação com o ‘não está’, o ‘não está mais’, ‘o ainda não está’ e o ‘nunca estará’ da percepção imediata: nela se inscreve assim a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível.” (PÉCHEUX, 1990, p. 8)

RESUMO

A prática discursiva sindical é marcada pela enunciação de um porta-voz autorizado, o qual deve representar com legitimidade determinada categoria de trabalhadores. Há cenografias em que essa função enunciativa não é observada, então surge a posição discursiva-ideológica do mediador, o qual silencia os direitos da classe trabalhadora. Este artigo tem como objetivo analisar o sujeito sindicalista que deixa sua posição de porta-voz para transformar-se em um mediador. Para tanto, selecionou-se edições do jornal “Vida Bancária”, uma publicação do sindicato dos bancários de Arapoti, Apucarana, Cornélio Procópio e Londrina.

Palavras-chave

Porta-voz, mediador, Análise do Discurso Francesa, discurso trabalhista sindical

ABSTRACT

Unionist discourse is market by enunciation licensed spokesman who must legitimate specific working classes. There is labour union enunciative scenery in which spokesman is not present. Then, there is ideological discursive position mediator who silences labour law. This paper aims to analyse mediator syndicalist leaders. To do so, we choose newspaper editions named “Vida Bancária” published by employee of banks trade union of cities Arapoti, Apucarana, Cornélio Procópio and Londrina.

Keywords

Spokesman, mediator, Discourse Analysis , labour-union discourse

1. O porta-voz e o mediador: diferenças conceituais

¹ Fabiana Fernanda Steigenberger é Mestre em Estudos da Linguagem pela UEL. Atualmente atua como docente na rede estadual do Paraná e é coordenadora do Ensino Fundamental da Equipe de Ensino do município de Rolândia.

faby.ffst@hotmail.com

Março de 2009

Observa-se uma intensa circulação do discurso trabalhista-sindical e sua enorme disseminação no contexto da sociedade brasileira. Diante disso, torna-se importante na conjuntura sócio-histórica o desvelamento de suas estratégias enunciativas, particularmente no que traz de contribuição para a explicitação do que se passa nas diversas áreas do conhecimento humanístico.

A prática discursiva sindical associa-se a um estatuto plenamente ideológico, onde sobressai a diferença de classes, a qual depende de condições de produção estreitamente ligadas ao cenário político e social. A análise de um discurso assim caracterizado pode contribuir para revelar a opacidade da linguagem, posto que essa auxilia a manipulação discursiva na mídia sindicalista. Tal revelação poderá contribuir para observar a manutenção ideológica das classes dominantes. Além disso, espera-se avaliar, por meio do discurso, se o papel histórico que os sindicatos têm desempenhado atende as expectativas dos trabalhadores projetadas no contexto do embate de forças sociais.

O líder sindical, oriundo da classe trabalhadora, no momento em que é eleito como representante oficial desta, se institui também como seu porta-voz autorizado. Essa legitimidade lhe confere o direito de “falar” em nome da categoria que representa oficialmente. Segundo Pêcheux, o porta-voz assume “dupla visibilidade (ele fala diante dos seus e parlamenta com o adversário) que o coloca em posição de negociador potencial, no centro de um ‘nós’ em formação...” (1990, p. 17). É por meio do discurso do porta-voz que a classe trabalhadora deve adquirir voz política e pública. Ao porta-voz compete transmitir solicitações, fazer declarações, tecer análises, elaborar críticas e formular exigências. Essas situações devem ser enunciadas publicamente em nome de um grupo. Por conseguinte, a discursivização do porta-voz assume uma ação coletiva de massa – ele não fala apenas em seu nome. Sua função deve possibilitar visibilidade, credibilidade e legitimidade aos interesses da classe trabalhadora.

Entretanto, em muitos discursos sindicais, entre os quais se destacam os de cunho peleguista, a função enunciativa do porta-voz não se desenvolve plenamente. Neste estudo hipotetisa-se que o que se verifica nas práticas languageiras dessas instituições sindicais é a conversão da posição discursiva-ideológica do porta-voz em um mediador. Os sindicalistas que desempenham o papel social de mediador são capazes de “distorcerem os fatos que estão narrando, por um lado, e de construir fatos que não correspondem ao efetivamente ocorrido por outro...” (INDURSKY, 2000). Esse processo vincula-se, em sua cenografia, a uma rede de filiações históricas complexas que inter-relacionam sujeito, língua e sociedade possibilitando essa mudança.

Nessa perspectiva, pode-se inferir que a enunciação desse discurso produz diante dos representados um jogo ilusório, o qual é marcado por estratégias discursivas de manipulação que

Março de 2009

colaboram para assegurar ao líder sindical seu papel de porta-voz da classe trabalhadora. Supõe-se, ainda, que o discurso daqueles sindicalistas que não tratam dos interesses da classe trabalhadora deixa de ser o discurso dessa categoria projetado na figura do porta-voz. Acredita-se, então, que a partir daí, exista um discurso construído pelo sujeito sindical sobre as necessidades dos trabalhadores e a eles atribuído. O que torna esse fazer enunciativo um simulacro da voz do trabalhador.

Assim, busca-se refletir sobre o sujeito sindicalista que se destitui de sua posição autorizada de porta-voz para tornar-se um mediador, o qual elabora discursivamente o que melhor lhe convém em seu espaço discursivo. Essa situação pode colaborar para marcar a subjetividade enunciativa desse sujeito e, com isso, os direitos e necessidades dos trabalhadores “são silenciados e substituídos por um simulacro que veicula, de fato, um discurso que representa os interesses do mediador.” (INDURSKY, 1997, p. 106). Este artigo volta-se para a investigação do funcionamento de um discurso que remete à luta de classes e permite verificar a perpetuação ideológica e a manutenção, ou não, do *status quo*.

2. A alteridade no fazer discursivo trabalhista-sindical

Partindo de dispositivos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa de Michel Pêcheux, consideramos o discurso constitutivamente heterogêneo e, portanto, o sujeito também o é. Podemos dizer que, de forma geral, a AD procura estabelecer, por meio da articulação entre o linguístico e o social, o seu campo de atuação, com o que pode chegar à sua especificidade. Concebe a linguagem não como fenômeno estudado em relação ao seu sistema interno, mas como discurso. A noção de discurso deve ser compreendida aqui como prática procedente de uma formação discursiva, uma formação ideológica e de determinadas condições de produção, permeadas pelo contexto histórico-social.

Dentro desse contexto teórico, foram analisados jornais do sindicato dos bancários de Arapoti, Apucarana, Cornélio Procópio e Londrina, intitulado “Vida Bancária”, editados pelo referido sindicato durante o período de 29/06/2004 a 01/11/2004, totalizando quatro edições. Esses exemplares contemplam o início e o término da campanha salarial dos bancários de acordo com o ano civil citado. O tema: “campanha salarial” foi aqui selecionado por constituir um momento de negociação no qual estão presentes na cena enunciativa patrão e empregados. Diante desse quadro temos o porta-voz (líder sindical) marcado por dois simulacros: um referente à formação discursiva

Março de 2009

dos banqueiros e outro, à formação discursiva dos bancários. Acreditamos assim, ser possível perceber as fragilidades discursivas do enunciador reveladoras de um sujeito cindido e fragmentado.

Buscamos observar nessas publicações as estratégias discursivas de manipulação incorporadas ao fazer discursivo do enunciador. E, a partir daí, desvelar a opacidade do discurso do líder sindical ao se apresentar como porta-voz da classe trabalhadora. Pretendemos, com isso, verificar se no espaço discursivo trabalhista-sindical há a caracterização da função enunciativa de um porta-voz ou de um mediador.

As análises aqui apresentadas respeitam a ordem cronológica de publicação das edições com o intuito de proporcionar ao leitor acompanhar o desenvolvimento das negociações da campanha salarial assim como foram recebidas pela sociedade em geral e, mais especificamente, pelos bancários. Inicialmente observamos fragmentos da edição de 29/06/2004, a primeira a tratar o assunto da campanha salarial.

O representante da ²Fenaban, Magnus Apostólico, **afirmou** que os bancos querem fechar as negociações **desta (sic) ano com rapidez**. Neste sentido, ele **até** indicou o dia 31 de agosto como data limite para fechamento de acordo. (JORNAL VIDA BANCÁRIA, N° 863, 2004, p. 1)

No enunciado acima há o uso do discurso relatado indireto para expor a fala do porta-voz autorizado dos banqueiros – Magnus Apostólico. Entretanto, ao considerarmos o contexto sócio-histórico da luta de classes e ao entendermos que esse enunciador representa o lugar discursivo patronal, conclui-se que aqui ocorre uma delimitação entre a formação discursiva dos bancários e o seu exterior. Ressaltamos que não houve o emprego das aspas nesse segmento discursivo, o que denotaria o efeito de sentido de distanciamento. Essa situação nos faz perceber que o enunciado do discurso indireto incorpora-se ao fazer enunciativo da formação discursiva dos trabalhadores bancários e não é citado para ser refutado. Isso é reforçado pelo emprego do verbo de dizer “afirmou”, o qual pressupõe confiança e credibilidade ao que foi enunciado.

Na sequência discursiva: “os bancos querem fechar as negociações desta (sic) ano com rapidez”, o dêitico temporal “desta (sic) ano” remete ao momento da enunciação e deixa subentendida a idéia que “este ano” não será como os anteriores. A locução adjetiva “com rapidez” reforça essa idéia e caracteriza o modo como os banqueiros pretendem conduzir as negociações da campanha salarial com os bancários. O operador argumentativo “até” enfatiza a proposta da Fenaban e emprega um argumento mais forte para validar o enunciado desse porta-voz: “ele até indicou o dia 31 de agosto como data limite para fechamento de acordo”.

² Federação Nacional dos Bancos

Março de 2009

Logo em seguida nesse mesmo texto, também por meio do discurso relatado indireto, encontra-se o enunciado de outro porta-voz: Vagner Freitas – presidente da Confederação Nacional dos Bancários – o qual procura defender os interesses dessa categoria ao enunciar:

O presidente da CNB-CUT, Vagner Freitas **lembrou** aos negociadores da Fenaban que a Executiva Nacional dos Bancários representa os funcionários do BB e da Caixa e que o objetivo da categoria é unificar a negociação, estabelecendo uma Convenção com direitos válidos para os bancários de todos os segmentos. (JORNAL VIDA BANCÁRIA, N° 863, 2004, p. 1)

Segundo Maingueneau, o verbo empregado para introduzir um discurso relatado pode sugerir diversos pressupostos, os quais produzem diferentes efeitos de sentido e, por isso, devem ser notados em uma análise. O verbo que inicia o discurso indireto –“lembrou” – demonstra certa sutileza por parte do representante dos bancários ao reivindicar que todos os membros dessa categoria (independentemente da agência bancária em que atua) sejam favorecidos com o resultado da campanha salarial. Os discursos relatados indiretos avaliados até o momento caracterizam um possível diálogo entre Fenaban e CNB-CUT, o qual tenta demonstrar que tanto uma instituição quanto a outra pretendem obter um consenso na campanha salarial para favorecerem os bancários conforme é ressaltado a seguir: “Magnos Apostólico **afirmou que** a Fenaban representa todos os bancos, sem distinção, **mas explicou que** os bancos federais têm autonomia para fechar acordos à parte. (JORNAL VIDA BANCÁRIA, N° 863, 2004, p. 1)”

Novamente é empregado o verbo “afirmou”, o qual denota que o enunciador está seguro quanto ao que expressa. É interessante notar que, até então, a formação discursiva dos banqueiros e a formação discursiva dos bancários não são confrontadas no nível discursivo. A primeira é assimilada pela segunda sem mencionar questionamentos ou dúvidas quanto ao cumprimento dos acordos propostos. O operador argumentativo “mas” mobiliza no fazer enunciativo a ideia de oposição e evidencia que o BB e a Caixa possuem autonomia e poder de decisão próprio.

As sequências discursivas aqui analisadas integram um único texto publicado na primeira página do jornal, o qual possui um caráter de reportagem jornalística, porém, ao analisá-lo percebemos que está marcado por uma subjetividade enunciativa. Essa peculiaridade indica a aceitação das ideias e posturas da Fenaban por parte do sindicato dos bancários. Consequentemente, a função enunciativa desse porta-voz aproxima-se daquela assumida pelo mediador. Esse texto é reportagem de capa do periódico e recebe grande destaque tendo visualização privilegiada diante do leitor.

Março de 2009

Ainda na primeira página, uma reportagem menor, em posição de pouco destaque tem como manchete: “Sindicato quer ver o discurso na prática”. Esse texto refere-se ao discurso de outro porta-voz dos bancários – Geraldo dos Santos (Ceará):

Para o diretor-presidente do Sindicato de Londrina, Geraldo dos Santos (Ceará), que é membro da Executiva Nacional e esteve presente na reunião com a Fenaban, a intenção dos banqueiros de agilizar as negociações é **válida**, **mas** precisa ser colocada na prática. (JORNAL VIDA BANCÁRIA, N° 863, 2004, p. 1)

Esse sindicalista recorre ao adjetivo “válida” para definir a “intenção” dos banqueiros e mobiliza uma carga semântica positiva no fio discursivo. Entretanto, por meio do operador argumentativo “mas” introduz uma oração coordenada com valor adversativo, responsável por desencadear no fazer enunciativo a ideia de dúvida e desconfiança. No enunciado a seguir:

“Discurso não enche barriga de ninguém. Caso seja necessário, teremos que cruzar os braços para ampliar nossas conquistas e garantir o fechamento de um bom acordo.”, avalia o diretor-presidente do Sindicato. (JORNAL VIDA BANCÁRIA, N° 863, 2004, p. 1)

Destacamos o uso de aspas e do discurso direto para expor a fala do porta-voz dos bancários, a qual é marcada pela linguagem coloquial e por expressões populares: “discurso não enche barriga de ninguém”, “cruzar os braços”. Essa última expressão torna-se um eufemismo nesse discurso e o enunciador não menciona a palavra “greve”. É interessante destacar que a ideia de greve possui uma ressalva ao vir acompanhada pela expressão “caso seja necessário”. Então uma paralisação ocorrerá apenas se for realmente indispensável. A fala desse porta-voz apresenta uma linguagem simples, acessível ao interlocutor. E acaba por facilitar manobras ideológicas, pois o interlocutor acredita compreender aquilo que é enunciado, crê na transparência das palavras e, assim, é mais facilmente iludido. Outra estratégia discursiva é o uso do nós inclusivo (eu + bancários) presente na conjugação verbal em “teremos” e no pronome possessivo “nossas”, posicionando o enunciador lado a lado do enunciatário, ao demonstrar que ambos compartilham os mesmos interesses e que também deseja garanti-los.

Em outra edição, de 31/08 a 6/09/2004, foi publicado o texto intitulado: “Executiva Nacional debate indicativo de Greve Geral”, do qual destacamos o seguinte enunciado: **“Agora não temos outra (sic) alternativa, a não ser deflagrar Greve para ver se os banqueiros entendem de vez nosso recado”**, ressalta. [Ceará]. (JORNAL VIDA BANCÁRIA, N° 872, 2004, p. 1)”

Março de 2009

O dêitico temporal “agora” deixa pressuposta a ideia de que anteriormente se evitava a greve e outros meios para negociação salarial eram usados. O verbo “deflagrar” é empregado de maneira eufêmica, porém seguido da palavra “Greve” grafada em letra maiúscula para chamar a atenção do leitor. A linguagem novamente se aproxima da coloquial marcada por uma expressão cotidiana: “entendem de vez nosso recado”. Aqui, notamos que o discurso assume um caráter mais impositivo e autoritário, tais peculiaridades se manifestam apenas no discurso direto. Essa necessidade pressupõe que o sindicalista está preocupado em demonstrar que está mobilizado em prol da categoria que representa. Nesse fazer enunciativo o porta-voz assume uma formação discursiva que o coloca na posição de líder sindical institucional, fazendo-o ocupar seu papel social no interior da instituição sindicato. Afinal, se for necessário se espera desse lugar social que recorra à greve.

Na sequência discursiva seguinte:

Em plena Avenida Paulista, principal centro financeiro do País, a categoria **reafirmou a rejeição dos 6%** e deixou claro que quer uma proposta melhor dos bancos nesta **Campanha Salarial**. Para **Ceará**, isto prova que os bancários estão dispostos a **ir à luta contra a ganância dos bancos**. Vamos lá. (JORNAL VIDA BANCÁRIA, Nº 872, 2004, p. 1)

A informalidade na linguagem prevalece, “Campanha Salarial” é escrita com as iniciais maiúsculas para destacar a importância do assunto tratado e também chamar a atenção do leitor. O sindicalista Geraldo dos Santos é anunciado pelo apelido “Ceará” e dá ao discurso um cunho afetivo para popularizar esse enunciador e aproximá-lo dos bancários. Nesses enunciados podemos ressaltar a delimitação da formação discursiva bancária por meio das expressões “reafirmou a rejeição dos 6%” e “ir à luta contra a ganância dos bancos”. O embate ideológico da luta de classes patrão – empregado é explicitado, pois essas diferentes posições sociais diferem quanto aos interesses e, até então, não chegam a um consenso.

No enunciado:

A Executiva Nacional dos Bancários **orientou** a suspensão da Greve nas bases sindicais que ainda estavam em Greve no último dia 13 de outubro, **como forma de conseguir a reabertura de negociações** com a Fenaban e as diretorias do BB e da Caixa. (JORNAL VIDA BANCÁRIA, Nº 875, 2004, p. 1)

o verbo “orientou” pressupõe que a Executiva Nacional dos Bancários não impõe aos grevistas uma ordem para cessarem a greve, apenas faz uma sugestão e logo em seguida justifica tal precisão: “como forma de conseguir a reabertura de negociações”. Dessa forma, explica sua atitude e procura demonstrar que isso não é um retrocesso, mas uma forma de empenho para a melhoria salarial da categoria. Os bancários que ainda estavam paralisados retomam suas atividades e a instituição

Março de 2009

representante dos banqueiros demora a se pronunciar conforme observamos abaixo por meio de um dêitico temporal:

Após transcorridos quase dois meses da última rodada de negociação, **a Fenaban decidiu** retomar o diálogo com a Executiva Nacional dos Bancários e **convocou** reunião para o dia 25 de outubro. Neste reencontro, ao invés de apresentar uma nova proposta, os representantes dos bancos trataram os dirigentes sindicais **com truculência** e mantiveram o reajuste de 8,5% e os demais termos da **proposta rejeitada** nas assembléias da categoria. (JORNAL VIDA BANCÁRIA, Nº 876, 2004, p. 1)

Os verbos “decidiu” e “convocou” salientam que a iniciativa de negociação partiu da Fenaban – representante dos banqueiros – e, assim, deixa subentendido que nessa formação discursiva há um empenho para se obter o consenso nas negociações. Entretanto, a locução adjetiva “com truculência” e o adjetivo “rejeitada” mobilizam no fio discursivo uma carga semântica negativa ao relatar como a reunião se desenvolveu. E corrobora a intransigência da Fenaban diante do acordo salarial. Logo em seguida, o sujeito da enunciação usa os verbos: “voltou”, “reabrir”, “discutir” para destacar que o sindicato dos bancários está exercendo sua função ao buscar restabelecer as negociações:

A Executiva **voltou** a fazer contato com os bancos no sentido de **reabrir** a negociação e no dia 26 reuniu-se com a Fenaban para **discutir** um desfecho para a Campanha Salarial. Dessa vez, as discussões transcorreram em **bom tom**... (JORNAL VIDA BANCÁRIA, Nº 875, 2004, p. 1)

Esse trecho explicita para o leitor que tanto os representantes dos banqueiros quanto aqueles que representam os bancários estão dispostos a acordarem para resolver o impasse da campanha salarial de 2004. Esse fato é percebido pelo emprego da expressão “bom tom”, a qual caracteriza de forma positiva as negociações. Em outra sequência discursiva:

Segundo Geraldo dos Santos (Ceará), diretor-presidente do Sindicato, a Fenaban **manteve inicialmente** a **postura radical** verificada durante o período de Greve, **mas entendeu** que é necessário **chegar a uma solução** para resolver o impasse na negociação. (JORNAL VIDA BANCÁRIA, Nº 875, 2004, p. 1)

O advérbio “inicialmente” indica que a Fenaban assumiu posições distintas durante as negociações com o sindicato, ao deixar para trás uma “postura radical” e tornar-se mais colaboradora. Essa circunstância é ressaltada pelo operador argumentativo “mas”. Os verbos “manteve” e “entendeu”, conjugados no pretérito perfeito, subentendem que o porta-voz assume a

Março de 2009

definição *lato* do termo e a condição de relator de fatos ocorridos no passado e já concluídos. A partir daí, percebemos que o sindicalista se posiciona como um simples mediador, o qual repassa à sua categoria fatos transcorridos e não age e interfere no contexto social vigente, apenas reproduz e colabora para a manutenção do *status quo*.

3. Considerações finais

O porta-voz autorizado interpõe ao seu discurso o papel social de mediador, por meio do qual é capaz de produzir um fazer discursivo que representa seus interesses. O *ethos* desse sindicalista é heterogêneo, formado simultaneamente pelo simulacro da imagem de representante dos bancários ao associar-se a essa formação discursiva. E, também, pela imagem do negociador potencial, capaz de mediar conflitos dando-lhes desfechos pacíficos ao favorecer o patronato e aderir a essa formação discursiva. Esses dois simulacros se alternam e se complementam como uma necessidade de sustentação da cena enunciativa. O mediador transformado em porta-voz, no discurso analisado se vale de diferentes estratégias discursivas dentre as quais destacamos: o uso de verbos no pretérito perfeito; a linguagem no nível coloquial com a recorrência de eufemismos; o discurso direto caracterizado por incentivar os trabalhadores a assumirem posicionamentos mais hostis e intolerantes; o discurso relatado indireto sutil ao tratar de questões relevantes para os bancários. E, ao se valer desses recursos, constrói sua subjetividade nesse fazer enunciativo.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INDURSKY, Freda. A função enunciativa do porta-voz no discurso sobre o MST. In: *ALEA: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas*. Rio de Janeiro: UFRJ, set. 2000, v. 2, n. 2, p. 17-26.

_____. *A fala dos quartéis e outras vozes*. Campinas: Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. São Paulo: UNICAMP, jul/dez 1990, n. 19, p.7-23.

JORNAL VIDA BANCÁRIA, edições 863,872,875, 876. Londrina: Sindicato dos Bancários, 2004.

Março de 2009

